

# **MEIO AMBIENTE DEVASTADO COMO PROBLEMA DE CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: “DISSOCIAÇÃO MÍTICA” COMO MODO DE VIDA OCIDENTAL**

Zairo Carlos da Silva PINHEIRO<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O presente texto de cunho teórico parte da suposição de que há uma lógica mítica, de base bíblica, a qual fundamenta o que comumente se chama de “crise ambiental”, ou da “natureza”. A iluminação dessa problemática não é nova, porém não levada muito em conta nos debates relacionados ao meio ambiente, na obra de Joseph Campbell. Se há uma devastação da “natureza” ou “crise”, esta deve ser enfrentada como algo peculiar ao modo de vida ocidental enquanto “dissociação mítica” desse mesmo modo de vida, e não como algo alienígena, ou ainda, como fruto de um itinerário determinista do espaço. Sugere-se também, que as “reações”, como os projetos de desenvolvimento regional no estado de Rondônia, são corolários desse modo sob a “dissociação mítica”. Para sugerir tais interpretações, o texto se volta para a análise que parte do estudo da mitologia, como também da teoria da Geografia humanista. Nesse sentido, o conhecimento sobre o desenvolvimento regional, no caso estudado, amplia-se para além de um determinismo, seja econômico ou político e, estes passam a serem vistos como corolário dessa mesma reação vista como “dissociação mítica” que é como o modo de vida ocidental se formatou.

**Palavras-chave:** Meio ambiente. Mitologia. Ocidente. Desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), câmpus de Rolim de Moura.

## **DEVASTATED ENVIRONMENTAL AS A PROBLEM OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE: " MYTHICAL CLEAVAGE" AS MODE OF WESTERN LIFE**

### **ABSTRACT:**

In this theoretical text I start from the assumption that there is a mythical logic, bible-based, which underlies what is commonly called "environmental crisis" or "nature". The lighting of this problem is not new, though not taken very much into account in discussions related to the environment, for example in Joseph Campbell's work. If there is a devastation or "crisis" of "nature", this must be addressed as something peculiar to the Western way of life as a "mythic dissociation", not as something alien, or as the result of a space's deterministic itinerary. Our work also suggests that the "reactions", such as regional development projects in the state of Rondônia, are corollaries of this mode of life under the "mythic dissociation". To suggest such interpretations, our study bases on mythology, as well as the theory of humanistic geography. In this sense, the knowledge on regional development, in the case studied, expands beyond determinism, whether economic or political. It has been seen as a corollary of the same reaction perceived as "mythic dissociation" which is the way Western life is formatted.

**Key word:** Environment. Mythology. Occident. Development.

## 1 INTRODUÇÃO

Podemos dizer que o atual momento de “crise” ambiental em que vivemos se deve talvez ao modo de vida ocidental que se baseia numa “dissociação mítica”. Este termo composto, que emprestamos do mitólogo Joseph Campbell (1997b), se associa à herança bíblica e sua história ecológica. No Antigo Testamento, a expulsão mítica do homem do jardim do Éden poderia ser interpretada como símbolo do que se chama de “crise ambiental”. Na narrativa, a crise é fruto da separação entre Deus e a natureza de um lado, e do homem como sua própria criação, do outro. Desta maneira, o “Homem” – como figura antropológica ocidental – é visto como homem mítico banido do “paraíso”, não podendo mais adentrar o Éden. Este homem perdeu o seu próprio “ser” divino: não pode ver a “natureza”, a mata, as águas, os animais como parte de sua “sacralidade”, e, portanto, restou um único caminho a seguir, o de “devastar”, isto é, usar o meio ambiente como depósito de materiais sem fim para seu sustento através de um consumo desenfreado.

Qual o corolário da “dissociação mítica”? Essa pergunta perpassa todo o presente texto. O nosso escopo não é um desprezo pela ciência (materialista, dialética, etc.), nem propor um progresso no controle conservacionista do meio ambiente para uma melhor vida humana, mas sim, desenvolver uma perspectiva de inversão, uma demonstração como o ideal atual (e científico) do Homem moderno é comandado pelos “progressos” e tecnologias, ao invés de ser um Ser que se entrelaça com seu ambiente.

A Geografia, de certa forma, nasceu enquanto ciência moderna com o “espírito moderno”, isto é, como empreendimento de um maior controle dos recursos naturais e sociais – ainda sob controle da sociedade e do seu poder estatal. Neste contexto, foi um geógrafo muito tempo desconsiderado pelo sistema acadêmico oficial, Eric Dardel (2011), foi quem solicitou este voltar para o humano existencial, e não ficar com um papel apenas subalterno aos materialismos que separaram o homem de seu meio ambiente. Para Dardel, o desenvolvimento da ciência geográfica se entende da seguinte maneira:

Depois da Idade Média e de sua inquietude metafísica, ao final do humanismo atento aos problemas psicológicos, morais e políticos do Homem, o mundo ocidental voltou-se para a Terra, o Espaço e a Matéria. Sua vontade de poder, impaciente em se instalar nas dimensões do mundo exterior, se apodera do universo pela medição, o cálculo e a análise. Sob este aspecto, a ciência geográfica ...[fica] preocupada em compreender o mundo *geograficamente*, em sua extensão e suas “regiões”, como fonte de forças e horizonte da vida humana (DARDEL, 2011, p. 1).

Esta “vontade de poder” da mitologia ocidental, de certa forma, esteve sempre voltada para a dicotomia entre mundo e o fazer-se no mundo. Esta dicotomia não permite fugir do mesmo “espírito” que aceita o mundo como uma concepção de tantos “descasos” na relação entre o homem e seu ambiente, da dissociação mítica.

Para nós, há uma lógica que forma a base da mitologia ocidental. Esta impulsiona toda a nossa maneira de lidar com aquilo que chamamos de natureza e matéria. Se há uma devastação da “natureza”, isto só é possível devido ao “mito” que a fundamenta. Este mito não é apenas a perspectiva bíblica, mas seu corolário posteriormente se entrelaça com as mais diferentes concepções e visões de mundo, primeiro do homem medieval-europeu, e depois do homem moderno em geral.

Existem também, fruto dessa lógica “devastadora” no meio ambiente, reações, as quais muitas das vezes não são compreendidas enquanto peculiaridades do próprio sistema mito/lógico<sup>2</sup> atuante. Na modernidade, por exemplo, a mito/lógica se representa por fórmulas científicas e por projetos de desenvolvimentos que se voltam, com interesses reais de melhorar o meio ambiente, para um mundo posterior à expulsão da idealidade e sacralidade. Em outras palavras, estas reações frente ao modo de vida ocidental levam às últimas consequências a modificação da base mito/lógica que a subsidia e lhe dá sustentação para a melhoria da natureza. Entendem-se, assim, como uma tentativa de “reconciliação” entre o homem e seu “ser” mitológico, agora como meio ambiente da sacralidade, enquanto a matéria permanece como o ambiente frio, mas dentro do sagrado.

Dentro desta perspectiva, as antropologias e sociologias das sociedades modernas, como também as práticas do Estado e da intervenção da ciência representam mecanismos que dialogam com o sistema mitológico. O “desenvolvimento” e o “progresso”, os quais tanto são criticados como causadores da crise ambiental, são no fundo, reações ao modo mito/lógico da “dissociação”. Desta maneira, nem são o problema, nem a causa. O “progresso” como avanço da saída do paraíso levou ao limite os recursos naturais do planeta, isso porque responde ao seu modo de ser de forma logicamente inadequada. Isto é, o progresso nega o seu mito.

Consequentemente, a herança mitológica se realiza muitas vezes em “terra devastada”. Mas esta terra que os diversos ecologistas tentam “salvar”, num ato mito-religioso, é na verdade fruto de nosso modo de sentir e viver fisicamente o mito da perda do paraíso. Neste processo se visualizam a lógica da ciência encontrada e o mito da terra-paraíso perdida.

---

<sup>2</sup> Utilizamos o termo mito/lógico de forma semelhante como Sahr (2007, p.73 e ss.) diferencia o termo de “EspaçoMUNDO” como termo híbrido-poético.

## 2 A NATURALIZAÇÃO COMO DISSOCIAÇÃO MÍTICA

Há no momento atual de “desenvolvimento”, “gestões” de recursos naturais que implicam em manipulação dos recursos pelo homem. Assim a atuação de indústrias, agricultura e pecuária, projetos de infraestrutura e comportamentos culturais (por exemplo, mobilidade) dissociam o homem do seu ambiente. Em consequência, a gestão ambiental das águas, a política da preservação ambiental, o desenvolvimento sustentável e as políticas referentes ao clima mundial, etc. tentam conter esta dissociação. Isso pode eventualmente amenizar os “problemas ambientais”, mas não resolve a percepção básica de um “descaso” de modo geral, que continua necessitando da manipulação da terra com naturalidade (necessidade). Tal situação “natural” de dissociação torna-se, contraditoriamente, real, enquanto a maneira mitológica de entrelaçamento mostra-se irreal, quando se “objetiva” o mundo como recurso da sobrevivência.

Nesse sentido, é no mínimo paradoxal ao ficarmos balbuciando um “pedido de socorro” para que, tanto o poder público quanto iniciativa privada e as pessoas em geral se voltem para um compromisso de zelar pela “natureza”. Diga-se de passagem, que ao nos incomodarmos com a problemática das devastações do meio ambiente e assumirmos o “compromisso” com os reparos e a preservação, aceitamos uma “outra” lógica que contradiz o como nós desejamos viver frente ao nosso ambiente e o que é posto diante de nossos olhos. Tal atitude demonstra o quanto negamos o lado mitológico da nossa constituição espiritual (mental). Podemos dizer que isto é resultado do processo da ocidentalização da lógica, não em termos regionais, mas em termos filosóficos.

Nesse sentido, sugerimos que o mundo deve se voltar para o “ecológico” devido a uma reação “natural” (quer dizer mito/lógica) do nosso próprio Éden-mítico que está tentando se readequar à antiga equação  $H=D$  (Homem = Deus). Esta fórmula, tão aceita no mundo mítico oriental ( $H=D$ ), é um resquício de pensamentos “arcaicos” dentro do próprio processo ocidental de pensar no “ecológico” para os que lutam na atualidade em campanhas sociais e populares do Ocidente, mas que ainda se mostra em muitos casos intraduzível para a lógica dialética e dissociativa da modernidade científica.

Precisamos rediscutir ou por em evidência o nosso mito ocidental, para que possamos entender que discutir “problemas socioambientais” sem colocar a questão de nosso mito é nadar contra a correnteza. Voltar para a questão mitológica e como ela prefigura o sentido no nosso mundo, poderia ajudar na compreensão científica do problema, nas decisões das atividades econômicas e políticas, tanto no gabinete de atores científicos e políticos, como também na atuação cotidiana.

Não se pode crer mais, nesta perspectiva, que naquela discussão do modo de praticar o mito é o grande problema na procura de um desenvolvimento humano, mas sim, que é na dissociação da relação mítica que se desencadeia um “desenvolvimentismo” que confirma a dissociação, este posto enquanto projeto e ideologia para qualquer gestão pública, mas também para atores formados pelo sistema atual de ciência. Portanto, para modificar as formas desenvolvimentistas atuais faz-se necessário um novo foco do pensar.

E esse “enfoque novo”, o que leva em conta a base mitológica de nosso agir para se compreender o desenvolvimento da nossa sociedade sob a modernidade, não é uma apresentação da “verdade”, mas apenas um mostrar de uma lógica diferente para com o que chamamos de ambiente.

René Guénon (1993) destaca a particularidade do moderno pensar e agir, pondo em cheque o mito ocidental quando diz:

A civilização moderna aparece na história como uma verdadeira anomalia: de todas que conhecemos, é a única que se desenvolveu num sentido puramente material, e também a única que não se apoia em qualquer princípio de ordem superior. Este desenvolvimento material, que vem já de vários séculos, e que se vai acelerando cada vez mais, tem sido acompanhado de uma regressão intelectual totalmente incapaz de ser compensada. Trata-se, aqui, bem entendido, da verdadeira e pura intelectualidade, que se poderia também denominar espiritualidade, qualificação esta que nos recusamos atribuir àquilo que os modernos têm-se aplicado de um modo particular: o cultivo das ciências experimentais, em vista das aplicações práticas que delas podem decorrer (GUÉNON, 1993, p. 3).

O filósofo aponta, assim, para o modo de vida ocidental como sendo um corolário que não é novo, mas o qual indica a regressão intelectual do campo mitológico, causando desta maneira a dissociação que amplia o campo pragmático em detrimento do campo espiritual, pois atualmente o que nos interessa são somente as questões aplicadas ou “práticas”. Neste sentido, também que nós fazemos e como o conjunto ecológico age são dois campos separados. Eles são divididos por modos de pensar e agir, em alguns casos até separam o pensar do agir.

Porém, viver de modo separado da “natureza” tem como consequência uma espécie de “esquizofrenia coletiva”. Isto é, quando caminhamos apenas num sentido prático, naturalizamos este ambiente pragmático, como natureza secundária. Esquece-se o outro lado “natural”, a primeira natureza, que é supostamente constituída pelos princípios superiores da espiritualidade

da natureza.<sup>3</sup> A busca exagerada (mas necessária) pelos diversos “ecologismos” da atualidade pode ser entendida, neste sentido, como reação pragmática ao distanciamento entre homem e natureza.

Na origem desta evolução observamos o mito: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra." (GÊNESIS, 1: 26). Ora, a palavra “semelhança” representa uma aproximação, se não um misticismo com Deus e a natureza, criando um palco mitológico entre criador e criação. Esta atitude pode se caracterizar como mística, lembrando que tanto no Judaísmo, como no Cristianismo e no Islamismo, as correntes místicas são sempre minoritárias (ARMSTRONG, 2008).

O que separa, no momento bíblico da criação, o Homem (Adão) da semelhança com Deus, portanto, é a negação do conhecimento, em especial da diferença entre o Bem e o Mal, diferenciação tão importante para a constituição do bem moderno, pondo o “Bem” como valor moral e como valor de propriedade/objetividade. Mostra-se que as raízes da modernidade, através da dissociação, já nascem muito tempo antes da modernidade do séc. XVI.

O mito concreto do Gênesis aponta, além da natureza também o surgimento do conceito de “reinar”, e a partir daqui se fundamenta a nossa maneira moderna de “reinar”, isto é, dominar, conquistar, impor domínio, e, por consequência, exterminar sem restrições a primeira “natureza” do seu natural e místico, excluindo, por paradoxo, a imagem e a semelhança de Deus. Não é por acaso que as culturas monoteístas são uma galáxia de “conquista”, e não de “semelhança”, pois se assemelhar a algo é se “identificar” a esse algo (Figuras 1, 2, 3),<sup>4</sup> impedindo a sobreposição. Como praticar a “semelhança”, se o mito é um mito “formatador” de separação entre as próprias semelhanças contraditórias que o se apresentam no contexto bíblico?

Campbell entende o mito como um campo monolítico, e não como uma rede de mitos individuais. Assim, associa o Gênesis imagetivamente com a cultura sumeriana, apontando, na primeira, a “dissociação”, e para a segunda, a “associação”; contudo, em ambas há uma semelhança por serem mitológicas.

---

<sup>3</sup> Espiritualidade aqui tem o sentido filosófico, ou seja, representa uma reflexão a partir de um ideal (pode-se ter por base o Ideal platônico), em que é visada uma realidade superior e não uma busca simplista pelo bem-estar social ou individual.

<sup>4</sup> Nosso objetivo aqui não é apresentar com toda a riqueza de implicações simbólicas, o que essas figuras comportam. Todos os desdobramentos sobre elas já foram feitos com muita propriedade por Campbell (1997b), para quem direcionamos o leitor interessado.



**Figura 1: O senhor da árvore da vida, Suméria, c. 2500 a. C.**  
 Fonte: Joseph Campbell (1997b, p. 236)



**Figura 2: O jardim da imortalidade, Babilônia, c. 1750-1550 a. C.**  
 Fonte: Joseph Campbell (1997b, p. 236)



**Figura 3: O Senhor e a senhora da árvore, Suméria, c. 2500 a. C.**  
 Fonte: Joseph Campbell (1997b, 236)

Da mitologia judaica, cuja influência sumeriana se percebe depois do exílio na Babilônia, enquanto disputa e não como assimilação, veio a diferença radical em que o homem se separa/associa a natureza divina. Os israelitas/judeus originalmente não se preocupavam tanto com sua origem, mas compreenderam sua construção social e seu posicionamento frente do novo ambiente de Canã, depois do êxodo do Egito, em separação para com a natureza (e também para com os outros povos da região). A visão mítica encontrada na região da Suméria

Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
 ISSN 2175-862X (on-line)

Maringá, v. 7, n. 1, p.100-116, 2015

na época do Exílio mostrou, ao contrário, uma situação mítica anterior de união com os deuses. A separação do ambiente é, assim, um mito que foi incluído posteriormente, provavelmente no exílio de Babilônia (550 a.C.), para trabalhar mitologicamente esta separação (SCHMIDT, 1996, 232 ss.).<sup>5</sup>

As três figuras anteriores mostram, assim, a “assimilação mítica” entre o homem, a natureza e os deuses um a dois milênios antes, representada pela alma que vem beber o elixir da imortalidade, tão negada posteriormente a Adão e Eva na história da Bíblia. Sabe-se o quanto as mitologias orientais tomaram o rumo da união, quando propuseram como meio de vida a iluminação espiritual pela busca do melhoramento espiritual do homem, em que este deve seguir um caminho de “subida” ao lar dos deuses e se assimilar a eles, e não pela separação e substituição, como pede o Iluminismo. Assim, a mitologia ocidental na sua vertente hegemônica,<sup>6</sup> inclui a negação do misticismo e da meditação no próprio mito. Querer chegar a “ser” divino como mito da “associação” soa como algo contrário a mitologia da “dissociação”. Levando-se em conta isso, o meio ambiente da modernidade contrasta com o meio ambiente mitológico, e é visto como algo estranho ao homem ocidental.

### 3 A DUALIDADE COMO CONDIÇÃO INTRÍNSECA

Em geral no pensar moderno, a natureza da Bíblia é interpretada não como algo intrínseco à própria forma do sagrado, mas separada dela: “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar” (GÊNESIS, 3: 19), como diz o mito. Nele, a terra, a água, os animais, enfim, a natureza é separada do sagrado paradoxalmente. Mas não somente isso, trata-se de uma observação ecológica da desestruturação da natureza (entropia): se “és pó” é ser contra a natureza divina, o homem vira a fonte da entropia com aquilo que é ele mesmo, a natureza.

Neste sentido, a “devastação” de nosso planeta – enquanto lógica do mito – não é nada de alienígena a nossa ação. Mitologicamente, ela precisa de “salvação” lógica. Por isso, não é culpa de boa ou má gestão pública, nem da atuação do Homem. Trata-se apenas do corolário

---

<sup>5</sup> Informações obtidas por troca de e-mail com o professor Wolf-Dietrich Sahr, o qual gentilmente contribuiu com críticas e sugestões para este texto.

<sup>6</sup> Lembramos que durante o processo intelectual da ocidentalização muitas evoluções contrárias ao modelo hegemônico se desenrolam de forma complementar e/ou dialética. Assim, não entendemos o termo “ocidentalização” como referência as pessoas concretas, nem a uma determinada região, mas como um modelo de pensar.

do modo ocidental de pensar e viver a mitologia enquanto “terra-pó”, um desvio e uma desinterpretação da nossa condição mito/lógica. O corpo do homem se desfaz em descorporificação. Nas mitologias orientais, o corpo “[...] vivo do qual procedem todas as coisas e à qual todas retornam em paz” (CAMPBELL, 1997b, p. 254) se apresenta como elementar do contexto da criação, mesmo em boa parte da mitologia cristã (em contraste ao dogma cristão).

Neste contexto, observamos que a literatura sobre o sagrado expõe a mentalidade ocidental baseada e formatada por um tipo de cristianismo, que não é místico estabelecendo uma religião da dualidade, e isso tem séria consequência para o modo de viver. Campbell (1997a, p. 28), coloca a questão assim: “Um dos problemas de nossa religião deriva do fato de ela acentuar, desde o início, o problema do bem e do mal”.<sup>7</sup>

Se nossa mitologia opõe o bem e o mal, isto implica que os homens tratarão suas vidas a partir dessa dualidade. Qual o corolário? Encararemos nossa existência a partir de coisas que são frutos de um ‘mal’ (o outro, o não-identitário), e que esse mesmo ‘mal’ é resultado de outra coisa que não a própria natureza que se chama Deus. Neste caso, haveria uma realidade transcendental, da qual teríamos de nos livrar.

A pergunta nos remete diretamente para o centro da vida mitológica dentro do pensar ocidental, e subsequentemente ao pensar científico hegemônico. A vida mitológica ocidental do Iluminismo começa sob o mito “Jardim do Éden”. Ali, foi aonde se deu a separação mitológica entre o homem e a natureza, até tornando-o contrário a sua natureza. Para este modo de vida ocidental a natureza não passa de uma “coisa fria” que podemos manipular ao bel prazer, incluindo o próprio homem. Este se torna, sob essa mitologia, o causador de seu próprio destino, não mais Elohim/Jeová. O homem é levado, pelo ato de Deus de expulsar e separar o homem dele mesmo (natureza), a retirar sua posição de ação, pois a partir dessa expulsão, o homem se torna senhor de todas as alteridades, todos os males: não é mais a divindade, mas a contradivindade. Porém, a divindade é isenta de qualquer “culpa” nesse processo, algo mais paradoxal ainda que o mito aponta e procura minimizar, mas o homem torna-se a raiz do pecado por não ser natureza, o que resulta na necessidade de perdão, mas também de ação moral. A dualidade imposta pelo mito agora vira dualidade do pensar entre natureza e cultura, entre natural e moral. Bruno Latour (1994) demonstra este processo de purificação claramente no seu livro “Nós nunca fomos modernos”.

---

<sup>7</sup> Para este problema ver a obra *Para além do bem e do mal*, de Friedrich Nietzsche (2003), escrita no século XIX. Nesta obra tudo o que é a moral cristã, seja em nível de ciência, seja em nível de religião, é posto sob crítica.

#### 4 A ASSOCIAÇÃO MÍTICA COMO TERCEIRA VIA

A dissociação mítica não se deu sem resistência no próprio Ocidente, como demonstram a obra de pessoas como São Francisco de Assis, ou de Giordano Bruno. Mas também em outras mitologias que não a ocidental, o homem se identifica com a terra, sua própria natureza, que é qualificada como divindade porque gera a vida. Entre cristãos que são formados pela dogmática, de cunho de “dissociativa”, não podemos ver a natureza como água, terra, fogo e floresta, etc. em si, não podemos vê-la como possuindo um mistério “associativo” com o homem, porque o mito da expulsão do paraíso não a vê assim. A Terra é apenas um “barro qualquer”, a água é H<sub>2</sub>O puro, nada mais se espera destes elementos. Ao contrário, a imagem em que “A Terra e todo o universo, como nossa mãe”, como Campbell (1997a, p. 7) diz, refere-se às mitologias estranhas ao cristianismo dogmático e hegemônico que finalmente se desencadeou no Iluminismo.

Contudo, isto é posto em xeque por outros ocidentais, mais mitológicos e místicos como, por exemplo, São Francisco e Giordano Bruno. No seu cântico ao Sol, Francisco de Assis elogia a criação, e seu seguidor Boaventura de Bagnoregio vê na contemplação mística da natureza a força da compreensão da semelhança de Deus (REALE/ANTISERI, 2003, p. 255). Ambos seguem a tradição mitológica da Bíblia da associação, a qual se expressa também nos Salmos (104) e os quais retomam diretamente mitos egípcios e babilônicos, principalmente o hino ao Aqueenáton (SCHMID, 1996, p. 243).<sup>8</sup>

Giordano Bruno aponta na unicidade da criação um gesto mágico-hermético (REALE; ANTISERI, 2004, p. 113) e assim foi um dentre vários expoentes que tinha na “associação” seu modo de vida que se choca com o modo dogmático da “dissociação mítica” que prevalece na modernidade. Prevaleceu, todavia, não significa que “venceu”, como mostram os exemplos apontados.

Também na Geografia, a partir do século XIX, principalmente nas obras de Carl Ritter e de Friedrich Ratzel, em resposta às ideias românticas, se confirmou a separação da natureza da condição humana, seguindo os preceitos do positivismo. Todavia, a partir de meados do sec. XX, autores como Eric Dardel (2011) não estavam mais presos ao positivismo, onde tudo só tem valor se for medido ou calculado, o que indica a assimilação entre o homem e a natureza quando se refere a vida dos hindus. Nesse sentido, comenta: “Povo das florestas, os hindus suprimiram toda a distância entre o ser interior e a natureza porque o homem vive em comunhão

---

<sup>8</sup> Informações sugeridas por Wolf-Dietrich Sahr.

com a vida universal que se manifesta no clima, na vegetação e nos animais” (DARDEL, 2011, p. 9). Desta maneira, sua geografia procura um diálogo e é um mecanismo propício para quem quer discutir a relação homem-natureza a partir de uma “associação” entre o homem e a terra, os quais, pelo mito formatador do modernismo são distanciados.

Percebe-se o quanto é diferente aquilo que hoje chamamos de “natureza” para as culturas ocidentais, e para os orientais, principalmente quando a “natureza” nada mais é que parte da própria vida humana. Nesta visão, não há diferença de natureza para um budista, não existe um campo separado onde termina e onde começa isto que chamamos de mundo “natural”.

Expor a temática desse modo faz-se apenas para constatação da existência do mito, e não com o escopo de propor uma troca entre religiões ou entre elas e a ciência. Também desta forma não é suficiente trocar atores, como políticos e empresários, responsabilizando-os aqueles pelas consequências do seu agir. Se não se muda em essencial a forma da lógica, até da mito/lógica moderna, as consequências serão sempre as mesmas. O que se precisa é compreender a associação mítica que faz parte da condição espiritual do homem moderno.

## **5 AS FORMAS DE INTERVENÇÕES CIENTÍFICAS OU DO PODER PÚBLICO COMO COROLÁRIO DO AJUSTAMENTO MITOLÓGICO**

Campbell (1997b, p. 223) ao dizer que “As pesquisas criativas e a ousadia maravilhosa de nossos cientistas compartilham muito mais do espírito leonino do xamanismo do que da religiosidade do sacerdote e do camponês” constata, de uma maneira estranha para a própria ciência moderna, que as grandes invenções (dos gênios) só podem ser fruto de um espírito de voo próprio do xamã e dos visionários “loucos” de inventores paleolíticos, e que de certa forma, tudo isso está presente no imaginário tão combatido da racionalidade moderna que já avança em direção a uma religiosidade racionalizante.

Se o mitólogo tem razão, portanto, aparecem sérios problemas para compreender de uma maneira ecologicamente correta as consequências de ações baseadas na ciência, isto é, lutar por um ambiente mitologicamente humano.

Após a Segunda Guerra (1939-1945) diante da crise ecológica, surgiu o conceito do Desenvolvimento Sustentável. Surgiu surgir em várias etapas, contemplando a tão sonhada mitologia, tais como:<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Veja, para uma evolução do discurso do desenvolvimento sustentável Sahr (1998).

- 1.) A publicação do livro “The Silent Spring”, em 1962, foi o primeiro chamativo para a questão ambiental, sendo principalmente um canal contra o uso de agrotóxicos e a modernização agrária.
- 2.) Em 1971, sob influência das ideias de Maurice Strong, se estabelece na UNESCO o programa “Man and Biosphere” para promover pesquisas sobre a junção entre ação humana e biosfera.
- 3.) Em 1972, o *Club of Rome*, uma entidade não-governamental de cientistas investiga a finitude dos recursos naturais.
- 4.) No mesmo ano, acontece a 1ª Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Urbano, primeiro grande encontro mundial com discussões voltadas às preocupações ambientais. Em tal Reunião foi criado o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).
- 5.) Em 1983, acontece um encontro organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) que apresenta propostas e projetos já realizados para o futuro do planeta. Tal encontro gerou o Relatório “Nosso Futuro Comum, ou Relatório de Brundtland”- metas para um futuro sustentável no planeta.
- 6.) Em 1987, sob coordenação da Primeira Ministra Harlem Brundtland, se apresenta o Brundtland Report “Our Common Future” que estabelece as diretrizes para a ECO 92.
- 7.) Esta conferência tem outro idealizador com as ideias do “ecodesenvolvimento”, Ignacy Sachs, que reúne as 5 dimensões do Ecodesenvolvimento, denominadamente as sustentabilidades social, econômica, ecológica, espacial e cultural (SACHS 1993). Lembrar que Sachs tinha experiências acadêmicas tanto em Paris, como na Índia e no Brasil.
- 8.) Finalmente, em 1992, acontece a ECO 92 (ou Rio 92), com participação de 178 nações que discutem temas ambientais, expondo seus problemas e sugerindo melhorias em comum para o bem estar do planeta.
- 9.) Os resultados da Rio 92 foram vários, dentre eles a Agenda 21, a Convenção sobre mudanças climáticas, a Convenção sobre diversidade biológica, e a Declaração do Rio.
- 10.) Na Rio +20, estas nações se reuniram novamente pra traçar novas metas e apresentar o que foi conquistado com a Eco 92.

Mostra-se que a antiga dissociação mitológica agora encontra, até mesmo ao nível político, um contra-movimento com vários idealizadores de uma nova harmonia. Da mesma forma, também o artigo Art. 225 da Constituição brasileira (1988) nos dá um futuro de harmonia entre o homem e a “natureza”. Segundo seu preceito, se diz que, “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Todavia, em ambos os casos, a necessidade de uma política e de uma lei significa que a mito/lógica antiga é inalcançável. Um povo que precisa de uma Lei para poder fazer aquilo que seria “natural”, enquanto dever, ou ainda, um Estado que precisa de um código para exercer aquilo que é sua função “natural”, não vive em coincidência com esta forma de pensar, mas em base das dualidades apontadas anteriormente. Constatar isso não quer dizer abandonar a escritura das leis, mas que a imposição de políticas e leis é já sintoma do “mal”, da “falta de harmonia”, fruto das sociedades modernas com práticas dogmáticas e não com práticas

orientadas pela superação da “dissociação mítica” do homem com seu meio ambiente. Ao dizer que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado”, a Constituição, ela mesma, constata, estranhamente, certo desequilíbrio como base da sua existência.

Este desequilíbrio devido à constatação da Lei respalda uma compreensão antropológica do homem que constata para fora de si aquilo que, na concepção mitológica estaria dentro de si, ou seja, demonstra o próprio desequilíbrio. Desequilibrado também aparece o Estado que menos faz para o equilíbrio ecológico, mas dá aval a lógica e espacialidade dissociativa na organização e territorialização do espaço. Assim, o cidadão torna-se um sujeito da legislação e do poder do Estado, sujeito à separação e ao controle de seus atos que acontecem fora da sua condição mito/lógica. Os descasos cometidos por esta concepção antropológica não são mais que o reflexo dele mesmo. Em consequência, outro ponto de desequilíbrio são os próprios cidadãos que ao olhar para a Lei imaginam-se como reflexo dos que fazem a Lei, isto é, reflexo do desequilíbrio da “natureza”, da “gestão da natureza pelo Estado” e da sua própria condição antropológica – sendo, destarte, parte intrínseca do desequilíbrio.

Nesse contexto, porém, o desequilíbrio não retira a boa intenção de se fazer “ecologismo”. Mas a boa intenção, sob o nome de desenvolvimento ou progresso, parte de forças estranhas ao próprio Estado e ao próprio cidadão moderno porque vem de um sistema mito/lógico diferente. As reações “ecológicas” partem da própria galáxia mítica ocidental, isto é, são atitudes que não irão passar de “desenvolvimentismo” enquanto não se compreender que para que se tornem harmoniosas se faz necessário se voltar para uma “harmonia” entre o homem e a natureza que o mito bíblico fundamentou antes da sua própria “dissociação mítica”.

O problema é mítico num sentido duplo. O homem moderno já vive tão “dissociado” pela mitologia, jogado no seu cotidiano banal que não pode mais livrar-se dessa situação dentro da própria lógica científica-dialética que necessita do dualismo para se compreender. Não se pode buscar alternativas dentro do seu próprio sistema mito/lógico que tem na dissociação vivida sua base. Para superar este dualismo, não é suficiente sua abolição, mas o homem precisa nesse momento fazer com que esse banal se torne algo que tenha sentido, conectado com o mito.

Por isso, o homem de base cristã continua buscando pelo Éden perdido, mas não como lugar físico nem imaginário, nem ecológico, como os dogmáticos religiosos pregaram há dois mil anos, mas como mensagem real de uma busca de seu ser humano existencial. Trata-se do “senso de existência”, como nos fala Campbell. As ideias de desenvolvimento e de progresso são, mesmo se fazendo crer ao contrário, formatadas a partir desse imaginário do “jardim do

paraíso”. A corrida para o futuro sem sofrimento e de bonança é já o mito agindo. Neste sentido, Mircea Eliade (1998) escreveu com razão:

É nessa concepção que encontramos a fonte das futuras escatologias históricas e políticas. Efetivamente, chegou-se, mais tarde, a esperar a renovação cósmica, a “salvação” do Mundo, através do aparecimento de um tipo de Rei, Herói ou Salvador, ou mesmo de chefe político. Embora sob um aspecto fortemente secularizado, o mundo moderno ainda conserva a esperança escatológica de uma *renovatio* universal, efetuada mediante a vitória de uma classe social ou mesmo de um partido ou de uma personalidade política (ELIADE, 1998, p.43, grifo do autor).

Com base nesta citação observa-se que, por mais desenvolvido materialmente que seja um país, mais ele irá desejar esgotar-se nesse desenvolvimento pela dissociação mitológica, tendo em vista que a materialidade se opõe a espiritualidade. O equilíbrio materialista necessário, contudo, se faz através da própria dissociação, impedindo consecutivamente um misticismo novo. O que move o seu desenvolvimento é este mito enquanto simbologia de busca por uma “terra de paz e harmonia”, fortalecendo, de maneira às avessas, o mito que é já há uma “dissociação mítica” entre o homem e aquilo que se chama de “natureza” para manter o sistema na sua racionalidade e cientificidade, não para superá-lo.

Num outro patamar, não podemos entender a busca ecológica moderna somente enquanto descobrimento da ciência. Temos que levar em conta a ciência, mas esta deve ser compreendida como um tipo de mitologia atual, e que nos retira da dogmática religiosa da cientificidade. Não obstante, precisamos ultrapassar a própria ciência se queremos dar sentido existencial para a vida e para uma proposta ecológica que não seja “ecologismo”. Temos que nos voltar para uma ciência que esteja além da simples busca pelo desenvolvimento material a todo custo. Essa “volta” deve nos guiar pelo horizonte do desconhecido, assim que a curiosidade científica torne-se um senso de existência.

Desta maneira, a ciência se posiciona de forma diferente, principalmente quando nos convidamos um terceiro elemento, a arte. O papel da ciência, segundo Campbell, é achar um significado e o da arte é achar o não-significado. A construção do não-significado como no mito da superioridade de Deus, nos aproxima de forma mística de um ambiente que é diferente do ambiente da “natureza” científica. Enquanto ganha significado, é ciência, enquanto permeiamos, é arte e religião. Querendo dizer que o “senso” é o que nos possibilita sermos nós mesmos, implica que este senso é racional na ciência, e irracional na arte. Logo, uma busca por uma melhora daquilo que chamamos de socioambiental não é apenas uma busca para compreender que tipo de micróbio existe no ambiente, mas que tipo de micróbio existe em nós mesmos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas reflexões tiveram o intuito de nos aproximar da ciência de uma forma não-científica. Como revelou o texto, a transição de um mito para a “realidade” passa pela verdade mito/lógica. Neste campo, encontram-se diversas tentativas de “ecologismo”. A constatação do “meio ambiente devastado” é, nesta perspectiva, uma reação da própria aventura imaginária humana. Dessa afirmação se tiram alguns pontos conclusivos:

1) A “crise” do mundo ocidental é, no fundo e muitas vezes mesmo sem se notar, uma função da condição mitológica humana: as tentativas dos variados ecologismos representam buscas mitológicas de re-conciliação da dissociação mito/lógica. Entre outras, a revolução comunista, mas também o neoliberalismo e até o positivismo como ideologia eram espécies de busca pelo velho mito do jardim do Éden (BLOCH, 2005).

2) A invenção de uma reconciliação da dissociação mitológica apenas pode funcionar através de uma associação mitológica, quer dizer uma outra mitologia que reconcilia de uma maneira “budista” ou “cristã-mística” (a-histórica) para que a tentativa ecológica não seja castelo de areia, como tem se mostrado até o presente.

3) É necessário também um enfrentamento do problema ecológico ao nível de “não culpar”, quem quer que seja, o Estado, o empresariado, o indivíduo, em fim, sem submeter os “fazedores” do problema à condição moral. O moralismo do bem e do mal, de certa forma, reproduz, assim como a igreja católica/ou evangélica nas suas pregações, a velha “dissociação mítica” do mundo.

4) Neste contexto, a tese que defendemos a partir da obra de Campbell é algo impraticável, mas algo mitologicamente necessário. Não tanto porque esta não pode ser posta em prática, mas porque não há, em nosso mito algo que posso justificá-la. Uma sociedade só pode ir até o ponto, onde encontra sua base mitológica. Neste sentido, a nossa mitologia de base é a de “dissociar”, e não a de “conciliar”.

## 7 REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro, Contraponto, v.1/v.2, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997a.

\_\_\_\_\_. **O vôo do pássaro selvagem**: ensaio sobre a universalidade dos mitos. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997b.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

GUÉNON, Rene. **A Grande Tríade**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1993.

GÊNESIS. **Bíblia católica**. Disponível em: <[www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/](http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/)> acesso em 29/07/2013.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**:ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus, v. 3, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da filosofia**: patrística e escolástica, São Paulo: Paulus, v. 2, 2003.

SCHMIDT, Werner H. **Alttestamentlicher Glaube**. 8ª. Ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1996.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e espaço mundos – a semiótica da espacialização na geografia cultural. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento sustentável** – uma palavra e as coisas. *Rae'Ga* 2, p. 67-83, 1998.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**. São Paulo: Nobel, 1993.